

## TRIPANOSOMA OU TRIPANOSSOMA?

Joffre Marcondes de Rezende<sup>1</sup>

Em nota enviada à *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical* e publicada na seção "Carta ao Editor" (13), discutimos a questão da grafia da palavra *tripanosoma*, que vem sendo escrita pelo menos de quatro maneiras diferentes: *tripanosoma*, *tripanossoma*, *tripanosomo*, *tripanossomo*, ao sabor de preferências pessoais ou de critérios discutíveis das editoras.

Nessa nota manifestamos a nossa opção por *tripanosoma*, com um único *s* e terminação em *a*. Obviamente, *tripanosomiase* e outros cognatos seriam também grafados com um único *s*.

A questão lingüística suscitada pela referida nota foi enriquecida com a manifestação de dois eminentes professores: Carlos Eduardo Tosta (15) e Luis Eduardo M. Quintas (12). Ambos concordam com a terminação em *a*, tendo em conta a raiz grega *soma* com a qual se formou a palavra *tripanosoma*, porém defendem a duplicação do *s* para preservar o som sibilante forte.

Dentre as razões que nos levaram a aceitar a forma *tripanosoma* com um único *s* colocamos em primeiro lugar o respeito à tradição da medicina brasileira. É sobre este item que pretendemos discorrer mais extensamente.

Carlos Chagas, quem descobriu a tripanosomiase, sempre utilizou um único *s* em suas publicações. E o seu primeiro trabalho, publicado simultaneamente em português e alemão, em 1909, no volume 1, fascículo II, da revista *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* (5), foi redigido em português de acordo com a ortografia vigente na época, segundo a qual o som de *z* era sempre representado por esta consoante e não pela letra *s*, o que comprova que a pronúncia corrente de *tripanosoma* era realmente de *z* e não de *s*. Por esta razão grafou em português, no título do artigo, *tripanozomíaze*, ao contrário do título em alemão, no qual o nome da nova doença vem escrito com *s* (Fig. 1). Do mesmo modo escreveu no texto *apozento*, *rezide*, *parazito*, *pesquiza*, etc.

---

<sup>1</sup> Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás  
Endereço para correspondência: Rua Delenda Rezende de Melo eq. com 1ª Avenida, Setor Universitário. Caixa Postal 131, CEP 74605-050, Goiânia, GO.  
Recebido para publicação em 24/11/98.

## Nova tripanozomíaze humana.

Estudos sobre a morfologia e o ciclo evolutivo do *Schizotrypanum cruzi* n. gen., n. sp., agente etiológico de nova entidade morbida do homem

pelo  
**Dr. Carlos Chagas,**  
Assistente.

(Estampas 9 a 13 e 10 figuras no texto)

## Ueber eine neue Trypanosomiasis des Menschen.

Studien über Morphologie und Entwicklungszyklus des *Schizotrypanum cruzi* n. gen., n. sp., Erreger einer neuen Krankheit des Menschen

von  
**Dr. Carlos Chagas,**  
Assistenten.

(Mit Tafeln 9-13 und 10 Textfiguren)

### Introdução.

Em 1907 fomos incumbido pelo diretor Dr. OSWALDO GONÇALVES CRUZ, de executar a campanha anti-palúdica nos serviços de construção da Estrada de Ferro Central do Brasil, na região norte do Estado de Minas Geraes. Tivemos informações da existencia ali d'ô hematofago, denominado *barbeiro* pelos naturais da zona, que habita os domicílios humanos, atacando o homem á noite, depois de apagadas as luzes, ocultando-se, durante o dia, nas frestas das paredes, nas coberturas das cazas, em todos os esconderijos, emfim, onde possa encontrar guarida. De regra, é o hematofago visto em maior abundancia nas habitações pobres, nas choupanas de paredes não rebocadas e cobertas de capim. Ali a reprodução delle é consideravel; são encontrados em numero imenso nas frestas das paredes e constituem condição anti-vital das mais notaveis, pela dificuldade trazida ao repouzo do homem. Muita vez verificámos o ataque do homem pelo hematofago: Poucos minutos apoz a extinção da luz nos apo-

### Einleitung.

Im Jahre 1907 wurde ich von Dr. OSWALDO GONÇALVES CRUZ, Leiter des Institutes von *Manguinhos* beauftragt, die Bekämpfung der Malaria bei der Konstruktion der brasilianischen Zentralbahn im Norden des Staates *Minas Geraes* zu organisieren. Dasselbst hörte ich von dem Vorkommen eines gefürchteten blutsaugenden Insektes, das bei den Einwohnern als *Barbier (Barbeiro)* bekannt ist. Dasselbe lebt in den menschlichen Wohnungen, woselbst es nachts, nach Löschen der Lichter, die Bewohner angreift, während es bei Tage sich in den Spalten der Wände, in den Zimmerdecken und wo es sonst eine sichere Zuflucht findet, versteckt hält. In der Regel wird dieser Blutsauger in grösster Menge in den Wohnungen armer Leute gefunden, welche nicht getüncht und nur mit Gras gedeckt sind. Hier vermehrt derselbe sich so sehr, dass er in ungeheurer Menge auftritt und durch die Störung des Schlafes eine höchst ungünstige Wirkung ausübt. Ich war oftmals Zeuge der Angriffe dieser Blutsauger, welche in den

*Figura 1.* Fac-símile da primeira página do trabalho bilingüe de Carlos Chagas, publicado em 1909, no qual se vê a grafia de tripanozomíaze em português com a letra z e em alemão com a letra s

Modificadas as regras ortográficas, voltou Carlos Chagas a grafar *tripanosomíaze* com i ou y na primeira sílaba e com s em lugar de z, conforme se verifica na coletânea de seus trabalhos (6).

Em 27 de seus trabalhos, individuais ou em colaboração, em que utilizou no título os termos *tripanosoma*, *tripanosomíaze* ou *tripanosomose* sempre o fez com um único s. Assim também procederam seus colaboradores mais diretos como Eurico Villela (7), Magarinos Torres (14) e Evandro Chagas (8). Seguiram a mesma trilha os pesquisadores dos primeiros 50 anos de estudos sobre a *tripanosomíaze americana*, como se constata na extensa literatura existente.

Devemos aos professores Aluizio Prata e Eurydice Sant'Ana (11) o levantamento da bibliografia sobre a Doença de Chagas referente ao período de 1909 a 1979, ano em que se comemorou o centenário de nascimento de Carlos Chagas. Foram arrolados 5.152 títulos, dos quais 1.647 referentes ao período de 1909 a 1959, ano em que se comemorou o cinquentenário da descoberta da Doença de Chagas.

Desse total de 1.647 títulos relativos aos primeiros 50 anos de pesquisas sobre a Doença de Chagas, 91 contêm, ou a palavra *tripanosoma*, ou *tripanosomíaze*, com um único s, e apenas dois com duplo s. E, se não há maior número de referências à *tripanosomíaze americana*, o fato se deve à mudança de nome da doença para o epônimo de Moléstia de Chagas ou Doença de Chagas.

O I Congresso Internacional sobre a Doença de Chagas, que se realizou no Rio de Janeiro, de 5 a 11 de julho de 1959, reuniu pesquisadores da Doença de Chagas, não somente da América Latina, como de todo o mundo. Foram apresentados relatórios, conferências e comunicações diversas em português, espanhol, inglês e francês. Os anais desse Congresso compreendem cinco volumes, totalizando 1.886 páginas, com 70 trabalhos de pesquisa redigidos em português (9). Em 28 dos 70 trabalhos há referência a *tripanosoma*, *tripanosomíaze*, *tripanosomídeos* ou *tripanosomicida*, sendo que 26 utilizaram a forma indicada, com um único s. Um único autor usou *tripanosomos* (com duplo s) e outro empregou as duas formas.

Dentre os autores que subscreveram a forma *tripanosoma* e *tripanosomíaze* com seus cognatos, estão os mais ilustres representantes do Instituto Oswaldo Cruz e de outros grandes centros de pesquisa da Doença de Chagas do País.

No livro *Doença de Chagas*, editado pelo Prof. J. Romeu Cançado (3) em 1968, no qual tomaram parte vários colaboradores, a forma *tripanosoma*, *tripanosomíaze*, *tripanosomídeo*, com um único s, predomina de modo absoluto, endossada por pesquisadores da maior projeção como Carlos Chagas Filho, Maria Deane, Hertha Meyer, José Ferreira Fernandes, Luis Hildebrando Pereira da Silva, Amílcar Vianna Martins, Aluizio Prata,

Zigman Brener, J. Romeu Cançado, Aristóteles Brasil e José Rodrigues da Silva.

Um único autor, isoladamente, fez uso da forma *tripanossomos* (com duplo s e terminação em o).

No livro *Trypanosoma cruzi e Doença de Chagas*, editado em 1979 por Zigman Brener e Zilton Andrade (2), só encontramos *tripanosoma*, *tripanossomiase* e *tripanossomose*, com um único s, em capítulos escritos por eminentes estudiosos da Doença de Chagas como Zigman Brener, Italo Sherlock, Zilton Andrade, Sonia Andrade, João Carlos Pinto Dias, Mario Camargo, Anis Rassi, J. Romeu Cançado.

Esta é a tradição da medicina brasileira que devemos respeitar.

Em matéria de linguagem não há regras que não comportem exceção. Uma postura ortodoxa marcada pela generalização de uma norma é um caminho traiçoeiro. O uso, a tradição, deve pesar tanto ou mais que uma dedução baseada no princípio da analogia.

A título de ilustração citaremos alguns poucos exemplos que nos são familiares:

Cirurgia deriva do grego *kheir*, mão, e, pela regra, deveria ser *quirurgia*, como em quirodáctilo, quiromancia, quiroplastia, quiropraxia, etc.

Esquistossomose deriva do grego *schistós*, fendido, que deu origem a *xisto*, termo de geologia. Por que não dizemos *xistossomose*? (Aqui se justifica o duplo s porque esta consoante existe nos dois elementos que compõem a palavra).

As palavras formadas com o sufixo *ia* diretamente do grego são paroxítonas, diz a regra. E por que, então, o uso consagrou biópsia, disúria, oligúria, poliúria e tantos outros como proparoxítonos?

Os puristas da língua continuam defendendo hematia (com t e acento tônico na letra i) em lugar de hemácia, hoje consagrado.

Os defensores de ceratina, ceratose, hiperkeratose, etc. recuam diante da espondilite ancilosa e aceitam *anquilosante*.

Se devemos duplicar o s nos compostos oriundos do grego, cujo determinado se inicia por essa consoante, por que não o fazemos diante de compostos como teosofia, logosofia, filosofia?

Assim, mesmo aceitando-se como regra geral, por razões fonéticas (o que é discutível), a duplicação do s em palavras formadas com o tema grego *soma* como segundo elemento, nada nos impede de aceitarmos *tripanosoma* com um único s, como exceção à regra, em respeito à tradição da medicina brasileira.

E afirmar que ninguém diz *tripanosoma* (com som de z) é desconhecer a realidade e a história da Doença de Chagas.

A invenção de escrever *tripanossoma* e seus cognatos com duplo s é relativamente recente, datando da década de 80, e decorre, a nosso ver, da intromissão dos copidesques das editoras na revisão dos textos originais.

Um dos primeiros livros de destaque a adotar *tripanossomiase* com duplo s, de maneira uniforme em todos os capítulos, foi o editado em 1985 por J. Romeu Cançado e Moisés Chuster (4), dedicado ao estudo da cardiopatia chagásica. E o mais recente é o livro *Clínica e terapêutica da Doença de Chagas*, editado em 1997 por João Carlos Pinto Dias e José Rodrigues Coura (10), no qual a *tripanossomiase* ganhou um s adicional e o *tripanosoma* foi morfológicamente desfigurado com a denominação de *tripanossomo*, além de outras "correções" feitas sem conhecimento dos autores, como ocorreu no capítulo que escrevemos. E, ironicamente, este último livro foi publicado pela Editora Fiocruz.

Desconhecendo, de modo geral, a terminologia específica da área biomédica e a tradição da cultura médica brasileira, os revisores profissionais baseiam-se no dicionário ao seu alcance, quase sempre o *Aurélio*, e em regras de gramática, para praticar as suas "correções", sentindo-se autorizados a modificar o original sem consultar o autor. E o que é pior: na maioria das vezes o autor não tem sequer a oportunidade de uma revisão tipográfica.

Para terminar estas considerações, é oportuno citar Idel Becker (15) em sua tese *Nomenclatura biomédica no idioma português do Brasil*:

A linguagem é arbitrária e convencional. A convenção sobre termos biomédicos é da exclusiva competência dos profissionais das ciências biomédicas. Na convenção sobre termos biomédicos, deve atentar-se, em primeiro lugar, ao uso da maioria e à tradição.

É óbvio que a língua é dinâmica e evolui ao longo do tempo, porém as mudanças devem ocorrer naturalmente, promovidas pelos usuários, e não artificialmente nas oficinas das editoras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Becker, I. *Nomenclatura biomédica no idioma português do Brasil*. São Paulo, Liv. Nobel, 1968, p. 337.
2. Brener, Z., Andrade, Z. (Org.). *Trypanosoma cruzi e Doença de Chagas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1979.
3. Cançado, J.R. (Org.). *Doença de Chagas*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1968.
4. Cançado, J.R., Chuster, M. (Org.). *Cardiopatia chagásica*. Belo Horizonte, Fundação Carlos Chagas de Pesquisa Médica, 1985.
5. Chagas, C. Nova tripanozomíase humana. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz* 1: 159-218, 1909.
6. Chagas, C. *Coletânea de trabalhos científicos* (Org. Aluizio Prata). Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1981.
7. Chagas, C., Villela, E. Forma cardíaca da tripanosomíase americana. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz* 14: 5-61, 1922.
8. Chagas, E. Aspecto comum da tripanosomíase americana. *Rev. Clin.* 3: 2-8, 1928.
9. Congresso Internacional sobre a Doença de Chagas, I., Rio de Janeiro, 5-11 de julho, 1959. *Anais*, v. 5., Of. Gráfica da Universidade do Brasil, 1964.

10. Dias, J.C.P., Coura, J.R. (Org.). *Clínica e terapêutica da Doença de Chagas. Uma abordagem prática para o clínico geral*. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz, 1997.
11. Prata, A., Sant'anna, E. P. de *Bibliografia brasileira sobre Doença de Chagas (1909-1979)*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1983.
12. Quintas, L.E.M. Carta ao Editor. É o *Trypanosoma cruzi* um parasito? *Rev. Soc. Bras. Med Trop.* 30: 163-164, 1997.
13. Rezende, J.M. de. Carta ao Editor. *Rev. Soc. Bras. Med. Trop.* 28: 419-421, 1995.
14. Torres, C.B.A. A tripanosomiase americana e sua anatomia pathologica. *F. méd.* 25-29, 1923.
15. Tosta, C.E. Carta ao Editor. Em defesa do tripanossoma. *Rev. Soc. Bras. Med. Trop.* 29: 293, 1996.